

A IMPORTÂNCIA DOS NETWORKS DE NEGÓCIOS DAS DIÁSPORAS LUSO-CHINESAS NUM ECOSSISTEMA ECONÓMICO EM MUDANÇA

FERNANDA ILHÉU

Professora Jubilada Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) /Universidade de Lisboa.
Investigadora do CEsA/ISEG. Presidente Associação Amigos da Nova Rota da Seda

Resumo (Layout)

A competição estratégica entre os EUA e a China, tem evoluído para uma bipolarização da economia mundial, em dois ecossistemas comerciais e económicos, sobretudo depois de 2017, com a implementação por parte de Donald Trump de uma guerra comercial e tecnológica contra a China e com a resposta de Xi Jinping no Fórum de Davos 2017 a esse anúncio, desafiando aos EUA a liderança da globalização...

Os EUA adotaram a combinação de uma estratégia de menos globalização ou mesmo antiglobalização com um decoupling das suas atividades económicas da China e um reshoring back da capacidade industrial americana...

Por razões mercantilísticas e ideológicas e também pressionada pelos EUA, em 2019, a EU descreveu a China, como um país que é “um parceiro para a cooperação, um concorrente económico e um rival sistémico” ...

No entanto a UE não é tão radical como os EUA, no seu relacionamento com a China, antes optando por minimizar o nível de risco originado pela China, implementando uma estratégia a que chamou de-risking...

A estratégia de China “Dupla Circulação” expressa no seu Plano Quinquenal 2021-2025, antecipa a criação destes 2 blocos comerciais, USA e UE de um lado e China do outro e pretende a autossustentação da economia chinesa num mundo com estas características...

...a resposta da China ao decoupling americano e ao de-risking europeu, é reforçar o grau de internacionalização e globalização das suas empresas, aumentando a sua presença noutros mercados. Esta diversificação de mercados tem sido feita sobretudo para os mercados de África, Ásia e América Latina. O enquadramento desta estratégia tem sido o aumento da assinatura de acordos de cooperação e comércio bilaterais com muitos países dessas regiões, mas também com assinatura de acordos multilaterais...

No entanto a política mais estruturante desta diversificação em áreas de cooperação económica é a Iniciativa “Uma Faixa Uma Rota e a Nova Rota da Seda Marítima do Século XXI”, lançada em 2013 por Xi Jinping que é explicada no documento, Visão e Ações na Construção Conjunta da Faixa Económica da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do Século XXI...

A visão para esta iniciativa da China, é a constituição de networks de zonas livres de comércio, uma forma dos países interligarem as suas estratégias de desenvolvimento, complementando as suas vantagens competitivas...

中美战略竞争已促使世界经济向两大经贸生态系统两极分化，这一趋势在2017年后尤为显著——当时特朗普政府对中国发动贸易科技战，而习近平主席在2017年达沃斯论坛上对此作出回应，对美国的全球化领导地位提出挑战.....

美国采取去全球化甚至反全球化战略，推行对华经济脱钩，并实施产业回流政策.....

出于重商主义、意识形态考量及美国施压，欧盟在2019年将中国定位为"合作伙伴、经济竞争者和制度性对手".....

不过欧盟在对华关系上不似美国激进，而是选择通过实施"去风险"战略来降低中国相关风险.....

中国在"十四五"规划中提出的"双循环"战略，预见美欧与中国形成两大贸易板块的格局，旨在使中国经济在此种世界格局中实现自给自足.....

面对美国脱钩与欧洲去风险策略，中国的回应是加强企业国际化与全球化程度，拓展非洲、亚洲和拉丁美洲等新兴市场。这一多元化战略通过与相关国家签署双边及多边经贸合作协议推进.....

而最具结构性的经济合作多元化政策，是2013年习近平主席提出的一带一路倡议。该战略在《推动共建丝绸之路经济带和21世纪海上丝绸之路的愿景与行动》文件中得到阐释.....

该倡议旨在构建自由贸易区网络，使各国能够对接发展战略，实现优势互补.....

Uma Economia Mundial: Dois Ecossistemas Comerciais e Económicos

Bois Blocos Comerciais e Económicos em Formação

A competição estratégica entre os EUA e a China, tem evoluído para uma bipolarização da economia mundial, em dois ecossistemas comerciais e económicos, sobretudo depois de 2017, com a implementação por parte de Donald Trump de uma guerra comercial e tecnológica contra a China e com a resposta de Xi Jinping no Fórum de Davos 2017 a esse anúncio, desafiando aos EUA a liderança da globalização.

Este processo é descrito por Hung Tran em setembro 2020 na edição do Atlantic Council "*One World, Two Systems Take Shape during the Pandemic*", concluindo que quer os EUA quer a China, têm desenvolvido estratégias para competir na segurança e influência política no novo meio-ambiente global.

Os EUA adotaram a combinação de uma estratégia de menos globalização ou mesmo antiglobalização com um *decoupling* das suas atividades económicas da China e um *reshoring back* da capacidade industrial americana. Esta estratégia americana é bem vista por grande parte da sua população que nutre um sentimento antiglobalização e especialmente anti China, por

considerar que a deslocalização para este país de muitas empresas americanas é responsável pela perda de capacidade económica da classe baixa e média assalariada e por a China se assumir como desafiadora da liderança económica global o que é insuportável pelo forte sentimento hegemónico global dos americanos.

Por razões mercantilísticas e ideológicas e também pressionada pelos EUA, em 2019, a UE descreveu a China, como um país que é “*um parceiro para a cooperação, um concorrente económico e um rival sistémico*”.

No entanto a UE não é tão radical como os EUA, no seu relacionamento com a China, antes optando por minimizar o nível de risco originado pela China, implementando uma estratégia a que chamou *de-risking*. Na realidade em junho 2023 a UE publicou uma Comunicação Conjunta sobre a Estratégia de Segurança Económica Europeia, onde introduziu formalmente a palavra *de-risking* na sua aproximação estratégica em relação à China.

Talvez este menor radicalismo, tenha na altura sido ocasionado pela posição da Chanceler alemã Angel Merkel, que em 15 janeiro de 2020, numa entrevista ao Financial Times, declarou que Berlim não tinha intenção de seguir o *decoupling* americano, dizendo que não se pode ser contra a China por esta ter sucesso económico e alertando para as consequências negativas de seguir ideologias de soma-zero, de desmantelamento das cadeias de valor global e, de ignorar o paradigma das economias de escala, a eficiência e efetividade de custos na cooperação internacional num mundo sem fronteiras.

Na 24ª Cimeira China - UE realizada em Pequim em dezembro de 2023, a presidente da UE, Ursula von der Leyen afirmou que a UE não pretende *decouple* da China, mas sim estabelecer uma relação de longo-prazo estável e lucrativa.

É importante analisar as diferenças entre *decoupling* e *de-risking*. Ambas indicam falta de confiança no relacionamento corrente, contudo *decoupling* é um divórcio efetivo enquanto *de-risking* é mais uma atitude de precaução, tipificada por introduzir medidas preventivas para reduzir riscos.

Capri (2023, p. 2) define *decoupling* como uma “*separação completa dos laços entre duas economias. Envolve o desmantelamento das relações comerciais e de investimento existentes, rompendo as cadeias de suprimentos e estabelecendo uma nova parceria económica em outro lugar*” e o *de-risking* como uma redução de riscos uma “*uma abordagem gradual que se concentra na mitigação de riscos específicos associados ao envolvimento económico com um determinado país*”.

A estratégia de *de-risking* da UE em relação à China parece querer conciliar os interesses de manter as relações económicas e de negócios com a China e também um diálogo para compromisso nos diferentes valores sistémicos entre a UE e a China.

Os académicos, os membros do governo e os media chineses rejeitam a distinção e afirmam que é uma questão de semântica, mas para eles “*de-risking é um disfarce de decoupling*”. Pequim contesta ambos e considera-os uma forma de protecionismo comercial

É irrealista esperar que qualquer um dos blocos mude os valores do outro. Se isso não for bem-sucedido, o século XXI testemunhará a formação de blocos comerciais baseados em diferentes regimes políticos e ideológicos, e os benefícios económicos da interdependência mundial do mundo sem fronteiras tornar-se-ão obsoletos.

A estratégia de China “*Dupla Circulação*” expressa no seu Plano Quinquenal 2021-2025, antecipa a criação destes 2 blocos comerciais, USA e UE de um lado e China do outro e pretende a autossustentação da economia chinesa num mundo com estas características.

Um pilar da “*Dupla Circulação*” é a circulação internacional cujo objetivo é diversificar o seu comércio externo e a sua dependência dos seus principais mercados os EUA e a União Europeia. Pretende alcançar uma maior globalização, nomeadamente em novos mercados, para ter acesso livre aos mercados internacionais especialmente aos mercados de capitais, nomeadamente Investimento Direto Estrangeiro e alta tecnologia, para além da exportação dos seus produtos como é obvio e simultaneamente prepara uma autossustentação sobretudo tecnológica para reduzir a sua vulnerabilidade às pressões do estrangeiro sobretudo aos EUA, e às cíclicas flutuações financeiras e económicas internacionais.

O outro pilar da “*Dupla Circulação*” é a circulação interna fazendo a sua economia depender mais do consumo interno, promovendo a inovação indígena e a melhoria da qualidade do crescimento orientado pela atividades domésticas, fomentando numa maior integração interna das cadeias de valor, reduzindo a sua dependência de importações sobretudo em áreas como produtos alimentares, energia e tecnologias avançadas e uma maior integração logística e burocrática das suas províncias praticando a livre circulação de bens e pessoas entre elas.

Esta estratégia pretende equilibrar uma menor globalização pretendida pelos EUA e EU com a autossustentação da economia chinesa.

Beugelsdijk e Luo (2024) concluíram que a preocupação corrente quer dos EUA, quer da UE, quer da China, é proteger as suas indústrias e tecnologias utilizando narrativas que enfatizam a segurança nacional, criando o seu novo paradigma de protecionismo provocado por razões geopolíticas e que pode ser considerado a causa da de-globalização.

Podemos, no entanto, antecipar que o intervencionismo e protecionismo nacionalista aponte numa direção económica e comercial e as cadeias de valor global das empresas multinacionais noutra, porque têm consciência que da primeira resultará um aumento significativo de altos custos económicos e comerciais.

Após esta nota introdutória vamos de seguida analisar os fundamentos e as conseqüências em termos de comércio e de investimento do *decoupling* americano e do *derisking* europeu assim como a reação estratégica da China a ambos.

EUA *decoupling*

O valor do comércio diário entre os EUA e a China é cerca de US\$2,10 mil milhões e o *decoupling* comercial poderá ter aspetos muito negativos nos mercados financeiros, no investimento, nas cadeias de valor e nos resultados das empresas uma vez que as duas economias estão muito interligadas.

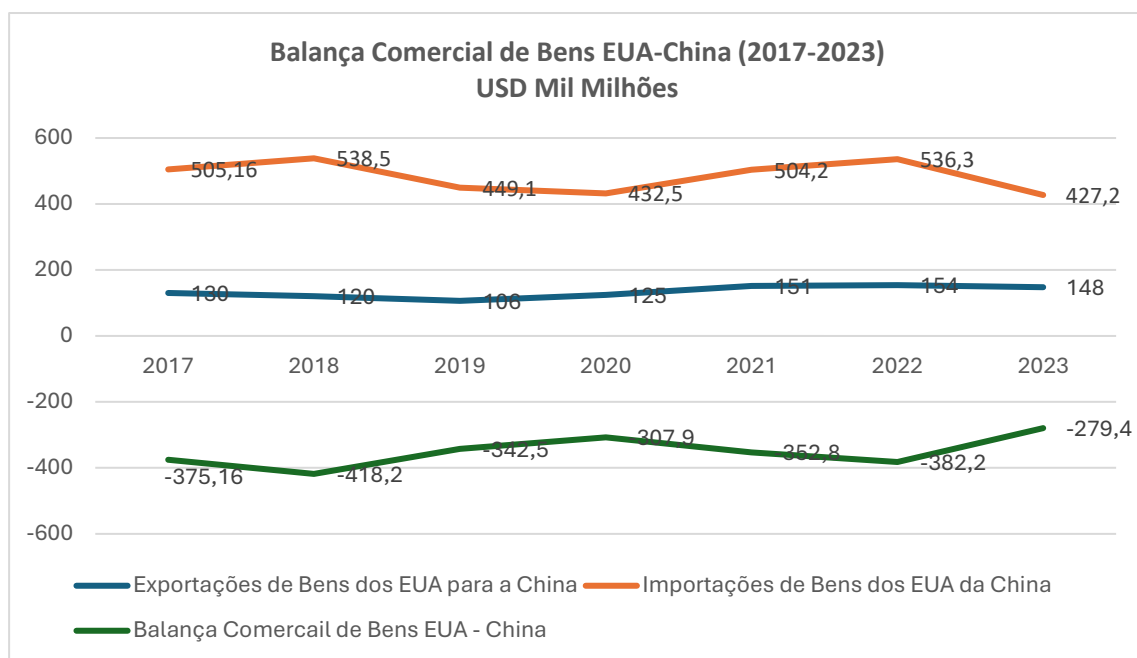
Os objetivos de Washington são bloquear o comércio das tecnologias estratégicas, o que irá provocar alterações significativas nas cadeias de valor global de vários tipos de produtos e serviços. Podemos dividir as estratégias dos EUA para essas cadeias em 3 grupos:

1° - Produtos estratégicos. Cerca de 20% do comércio entre os dois países. Inclui tecnologias fundacionais como semicondutores, software, algoritmos, computação quântica, IA, biotecnologias, telecoms, comunicação por satélite e robótica avançada. Para este grupo a estratégia é *decoupling*.

2° - Produtos de zonas cinzentas de utilização que podem ser usados para fins comerciais mas também para aplicações militares. Para este grupo a estratégia é *de-risking*.

3° - Todos os produtos não estratégicos ou de utilização dupla, como confeções, produtos alimentares e agrícolas... Para este grupo a estratégia é continuar tudo como está.

Vamos analisar a evolução das trocas comerciais e do investimento entre os dois países entre 2017 e 2023, para perceber os efeitos práticos destas estratégias dos EUA e a reação chinesa.

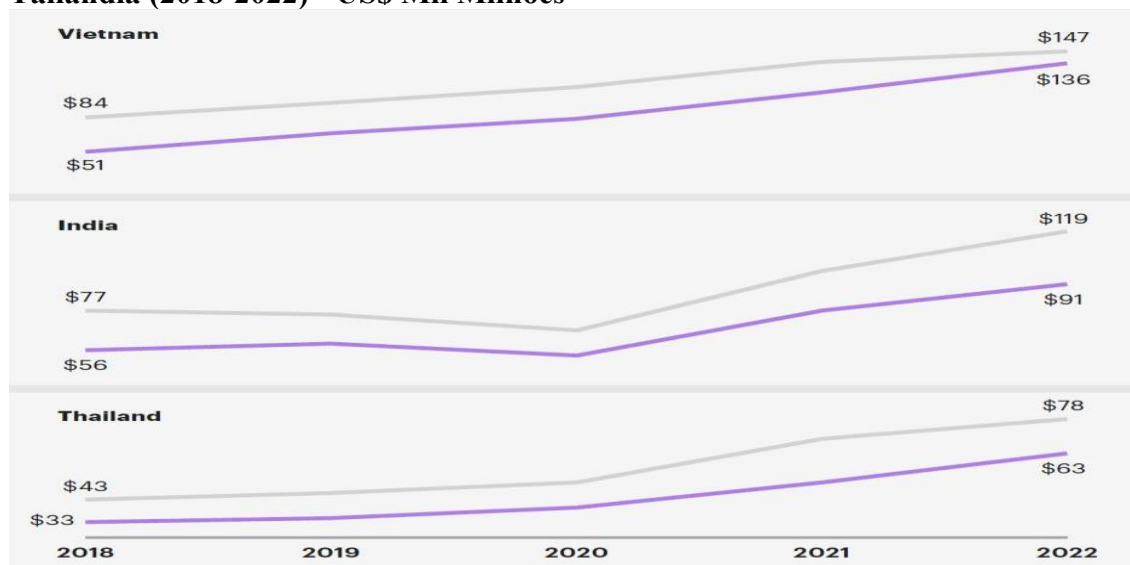


Fonte: Cálculo do autor: CIA Worldfact book; China statistical yearbook (2011-2023); Statista (2023).

Em termos de trocas comerciais quer as exportações dos EUA para a China quer as da China para os EUA, mantiveram em 2023, valores muito próximos dos de 2017, com algumas flutuações ao longo dos anos. Tendo no entanto o saldo de negativo da balança comercial dos EUA diminuído cerca de US\$96 mil milhões.

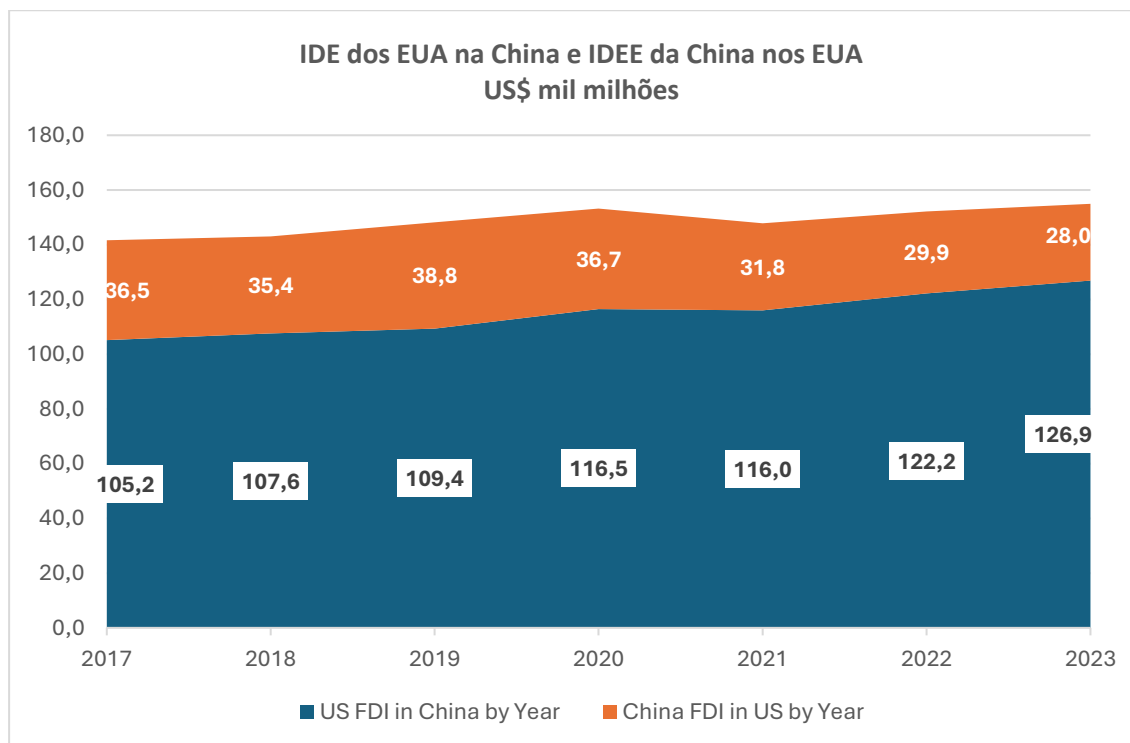
No entanto podemos estar na presença de um desvio de comércio, porque se pode estatisticamente observar no período entre 2018 e 2022, de acordo com a análise de Kearney (2024), que existiu uma correlação estreita, com tendência crescente, entre os fluxos de importações dos EUA de países como Vietname, Índia e Tailândia e das exportações da China para estes países, de produtos onde as cadeias de valor chinesas têm ali uma forte presença. Também o The Economist (27 fevereiro 2024), encontrou uma correlação quase perfeita entre o aumento de exportações do Vietname para os EUA e o aumento das importações da China. Podemos adiantar que as cadeias de valor global se estão a adaptar ao novo meio-envolvente de negócios mundial

Fluxos de Importações dos EUA e das Exportações da China para o Vietname, Índia, Tailândia (2018-2022) - US\$ Mil Milhões



Fonte: Kearney (2024) *Made in America: Here to stay*.

Se analisarmos o investimento direto estrangeiro da China nos EUA e o investimento direto estrangeiro dos EUA na China, podemos concluir que o primeiro, no período de 2017 a 2023, praticamente estagnou com tendência decrescente e o segundo aumentou 20,6%.



Fonte: Cálculo do autor: *U.S. Embassy and Consulates in China (2024)*.

Concluimos que o protecionismo comercial e tecnológico dos EUA em relação à China tem um objetivo muito mercantilista, mas também preservar a sua posição de liderança hegemónica

mundial em termos económicos e políticos e, que as cadeias de valor global se estão a adaptar ao novo meio-ambiente de negócios entre a China e os EUA e ainda concluir que as empresas americanas permanecem mais interessadas em investir na China do que as empresas chinesas em investir nos EUA.

UE *de-risking*

A UE e a China são importantes parceiros comerciais com 2,3 mil milhões de euros de comércio de bens por dia, com um crescimento rápido em baterias de lítio, veículos elétricos, módulos fotovoltaicos, produtos de energias verdes.

Como referimos acima a UE não pretende separar-se da China, e espera relações duradoras, estáveis e lucrativas, pretende sim *de-risking* em termos de segurança e de uma dependência excessiva da China em termos económicos.

Peng Gang (2024), Ministro da Economia e Comércio da China na Comissão Europeia nega essa visão politizada sobre comércio e investimento, afirmando:

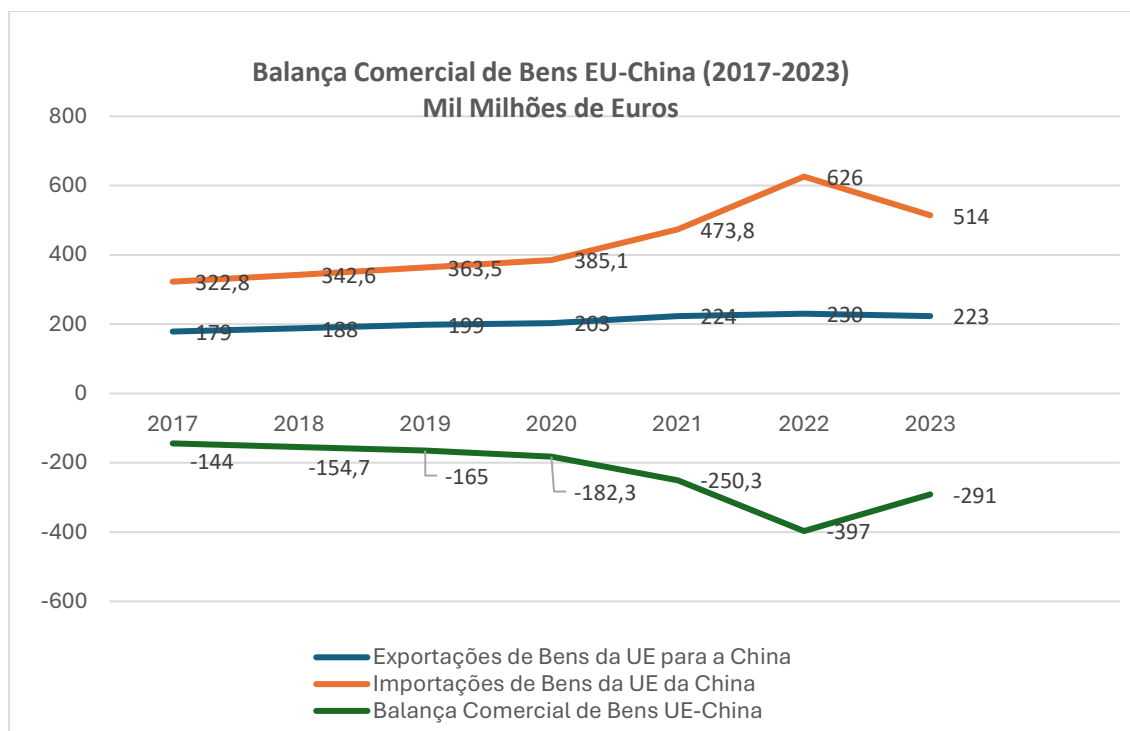
“A UE e a China são os parceiros comerciais mais importantes uma da outra”... “tanto as empresas chinesas quanto as europeias continuam otimistas em relação aos mercados umas das outras”... “a redução de riscos levará à redução de oportunidades”....” Atualmente, a redução de riscos ocupa um lugar de destaque na agenda da política económica e comercial da UE em relação à China. Entendemos que todas as partes têm suas próprias preocupações com a questão da segurança, mas o que importa é estabelecer limites claros e prevenir riscos racionalmente. Opomo-nos à politização, ideologização e pan-securitização de questões económicas, por meio das quais a redução de riscos se transforma em “redução de oportunidades” e “redução de cooperação”. Ele conclui que “a competição pode promover o progresso mútuo”.

No entanto o que se verifica é que existem áreas de tensão entre a UE e a China que justificam a estratégia de *de-risking* e que não são meramente mercantilísticas, mas também ideológicas. As áreas de tensão são as seguintes:

1. Atitude mercantilista da China durante o Covid-19. Reconhecimento da UE da alta dependência da China nos produtos de saúde básicos.
2. Déficit comercial UE-China de €395,7 mil milhões em 2022.
3. Práticas de comércio injustas – investigação a alegados subsídios a produtores de veículos elétricos.
4. Posições pouco claras da China relativamente à guerra na Ucrânia, receios que a China esteja a ajudar a Rússia a ultrapassar as sanções.
5. Tensões políticas sobre controles de segurança impostos pela China em Hong Kong e Xinjiang, não respeitando direitos humanos.

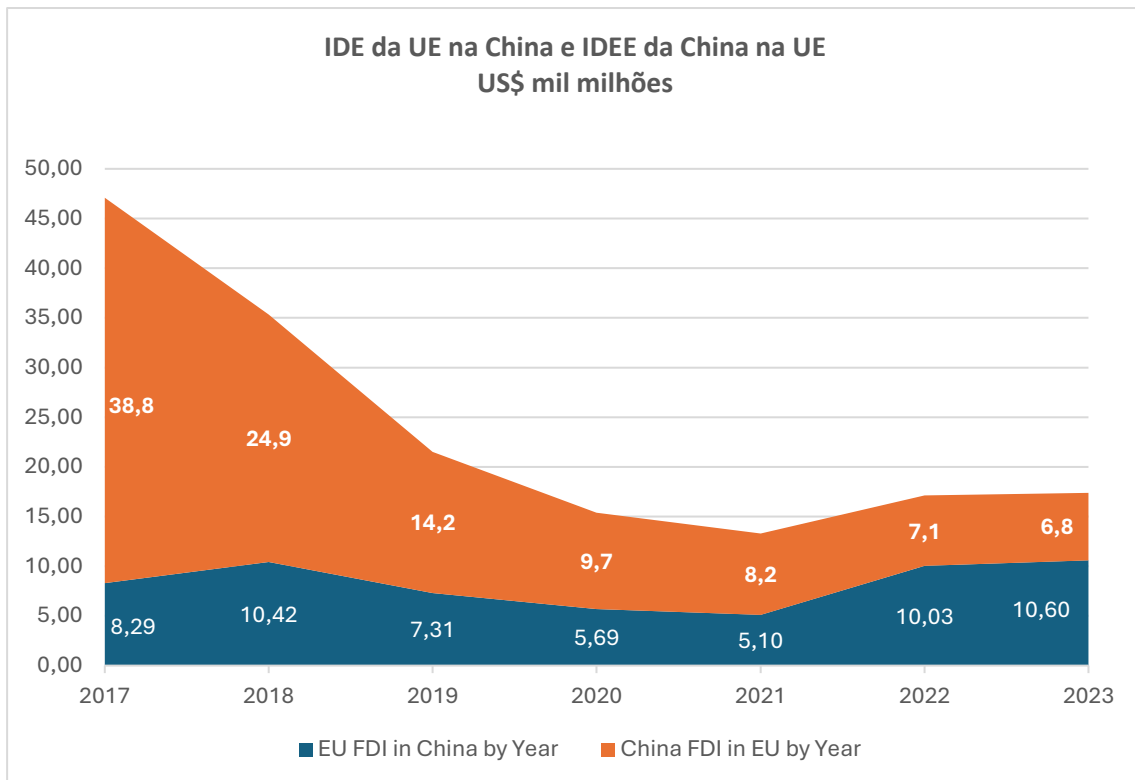
A estratégia de *de-risking* da UE tem 4 dimensões nomeadamente: altas taxas aduaneiras para alguns produtos chineses, controlo do acesso chinês à alta tecnologia europeia, coordenação de alta qualidade e altos subsídios para *reshoring* da indústria.

A resposta dos mercados a estas medidas em termos comerciais não surtiu o efeito pretendido pela UE. Como se pode ver na figura em baixo, as exportações da UE para a China mantiveram-se muito estáveis, mas as importações da UE da China, aumentaram de 2017 para 2023 cerca de 59%, e o saldo negativo da UE aumentou de 144 mil milhões para 291 mil milhões de euros nesse período.



Fonte: Cálculo do autor: CIA Worldfact book; China statistical yearbook (2011-2023); Statista (2023).

Se analisarmos o IDE da EU na China e o IDEE da China na EU, vemos que a UE reforçou entre 2017 e 2023 o seu investimento na China em cerca de 28% sobretudo a partir de 2022, mas o investimento da China na UE reduziu-se progressivamente em cerca de 82%. De acordo com o Rhodium Group, até 2021 o investimento da China na UE era feito quase 100% mediante Fusões e Aquisições, a partir desse ano passou a ser sobretudo investimento produtivo de raiz.



Source:

Author calculation. Statista (2023); Rhodium Group and MERICS Report (2024); Peng Gang (08-04-2024).

Em 2023 os principais projetos da China na Europa foram nos setores automóvel, baterias, tecnologias de informação e comunicação, bens de consumo e entretenimento, média e educação sobretudo em países como a Hungria, a França, a Alemanha e a Eslováquia, conforme se pode ver no quadro em baixo.

Principais Projetos de Investimento Chinês na Europa em 2023 (milhões de euros)

Type	Announced Date	Chinese investor	Investment	Country	Sector	Value
GFI	Aug 12, 2022	CATL	Battery plant	Hungary	Automotive	7,458
GFI	Jun 28, 2021	AESC	Battery plant	France	Automotive	1,976
GFI	Jun 6, 2018	CATL	Battery plant	Germany	Automotive	1,695
GFI	Mar 30, 2022	Huayou Cobalt	Battery plant	Hungary	Automotive	1,274
GFI	Jul 1, 2022	Volvo (Geely)	Electric vehicle plant	Slovakia	Automotive	1,183
GFI	Aug 6, 2020	TikTok (ByteDance)	Data center	Ireland	Information and Communications Technology	439
GFI	Jun 28, 2023	Jinjiliang Capital	Capital increase	Luxembourg	Real Estate and Hospitality	197
M&A	Jun 9, 2022	Xinbao Electrical Appliances	Morphy Richards	United Kingdom	Consumer Products and Services	187
M&A	May 18, 2023	Geely	Aston Martin	United Kingdom	Automotive	160
M&A	Aug 1, 2023	Playtika (Giant)	Youda Games	Netherlands	Entertainment, Media, and Education	148

Fonte:

The Rhodium Group and MERICS report (06-06-2024).

A concorrência entre países da EU para atrair os investimentos da China é grande, sobretudo no setor de veículos eléctricos e baterias e na ausência de regras uniformes para escrutinar as condições desses investimentos por parte da UE, cada país concorre oferecendo incentivos a esses projetos.

Investimento Chinês na UE tem beneficiado de Ajudas Estatais

Chinese company	Recipient country	Investment amount in EUR million	Grants	Loans	Other support	Subsidized share of total investment (%)
CATL	Hungary	7340	845	-	EUR 2 billion for industrial park	11
CATL	Germany	1800	7.5	-	-	0
Envision AESC	France	1317	-	450	-	34
Envision AESC	Spain	1310	200	100	-	23
EVE Energy	Hungary	1400	38	-	-	3
Huayou Cobalt	Hungary	1350	132	-	-	10
Semcorp	Hungary	183	34	-	-	19

Fonte: Rhodium Group (02-29-2024) Note: Subsidized share takes grants and loans into account, but not other support.

Podemos concluir que a estratégia de *de-risking* da UE face à China é ainda dúbia, misturada de visões mercantilistas e ideológicas, com afirmações e práticas contraditórias e na ausência de regras uniformes e claras, cada país tenta negociar bilateralmente com a China, tentando atrair o

investimento chinês para setores estratégicos. Em termos de balança comercial os efeitos do *de-risking* não têm sido eficazes em termos de diminuir os saldos negativos da UE com a China.

China mais globalização

Como referimos atrás, a resposta da China ao *decoupling* americano e ao *de-risking* europeu, é reforçar o grau de internacionalização e globalização das suas empresas, aumentando a sua presença noutros mercados. Esta diversificação de mercados em sido feita sobretudo para os mercados de África, Ásia e América Latina. O enquadramento desta estratégia tem sido o aumento da assinatura de acordos de cooperação e comércio bilaterais com muitos países dessas regiões. mas também com assinatura de acordos multilaterais nomeadamente com a ASEAN + 3 (China, Japão, Coreia do Sul) a RCEP-Parceria Económica Regional Abrangente, ambos tratados de livre comércio entre países do Sudeste Asiático, com organizações de foro mais geopolítico como os BRICS e a RCO-Organização para a Cooperação de Xangai, que estão a evoluir cada vez mais para organizações de cooperação também económica e fóruns de iniciativa da China como a FOCAC- Fórum para a Cooperação China-África a plataforma mais compreensiva que promove a cooperação e as relações económicas da China com 53 países africanos com objetivos de desenvolvimento. No entanto a política mais estruturante desta diversificação em áreas de cooperação económica é a Iniciativa “Uma Faixa Uma Rota e a Nova Rota da Seda Marítima do Século XXI”, lançada em 2013 por Xi Jinping que é explicada no documento, *Visão e Ações na Construção Conjunta da Faixa Económica da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do Século XXI*, (março de 2015, NDRC e MOFCOM) afirmando que “*Os países ao longo da Faixa e Rota podem coordenar totalmente suas estratégias e políticas de desenvolvimento económico, elaborar planos e medidas para a cooperação regional, negociar a resolução de problemas relacionados à cooperação e fornecer apoio à implementação de projetos de cooperação em larga escala*”.

A visão para esta iniciativa da China, é a constituição de *networks* de zonas livres de comércio, uma forma dos países interligarem as suas estratégias de desenvolvimento, complementando as suas vantagens competitivas. As rotas de cooperação e conectividade podem ser físicas (terrestres, marítimas, aéreas), digitais, saúde, espaciais, verdes.

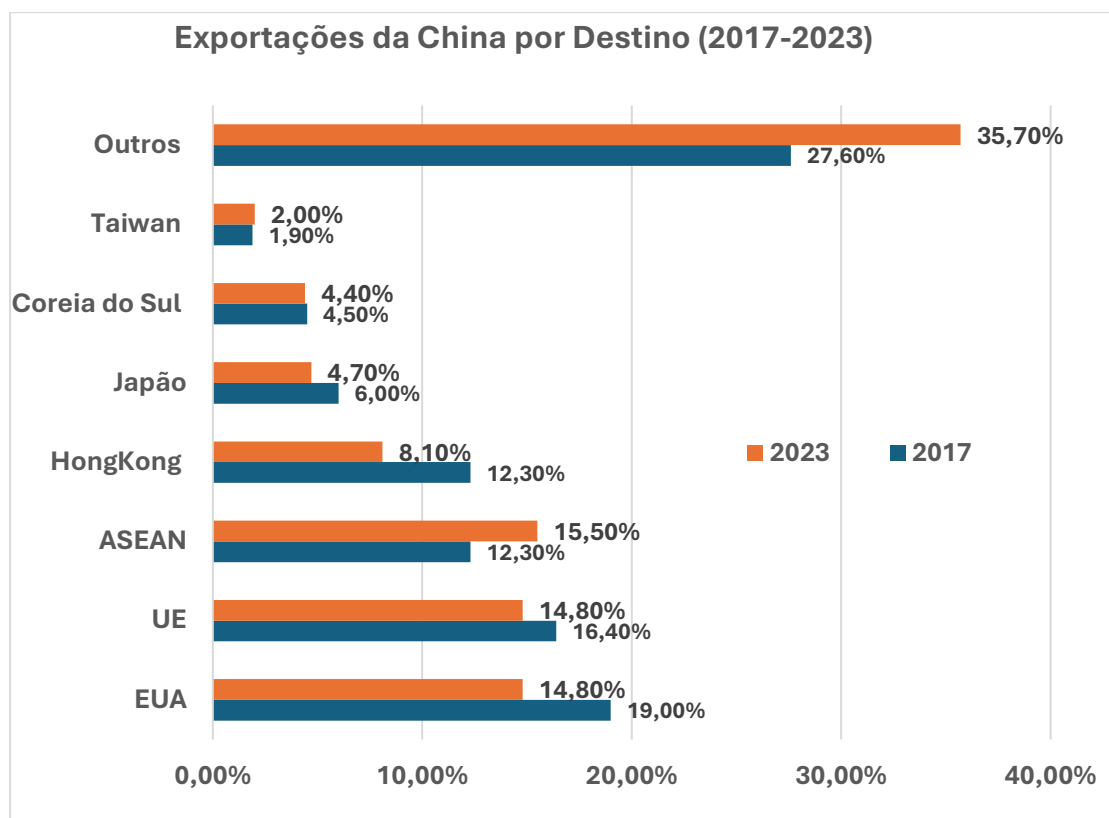
São novas formas de progresso, que pretendem reduzir barreiras e colocar os países a trabalhar em conjunto, com um novo *mindset*, baseado no conhecimento, conectividade, confiança e cooperação. A China trabalha nesta iniciativa com os países com quem assinou protocolos de cooperação.

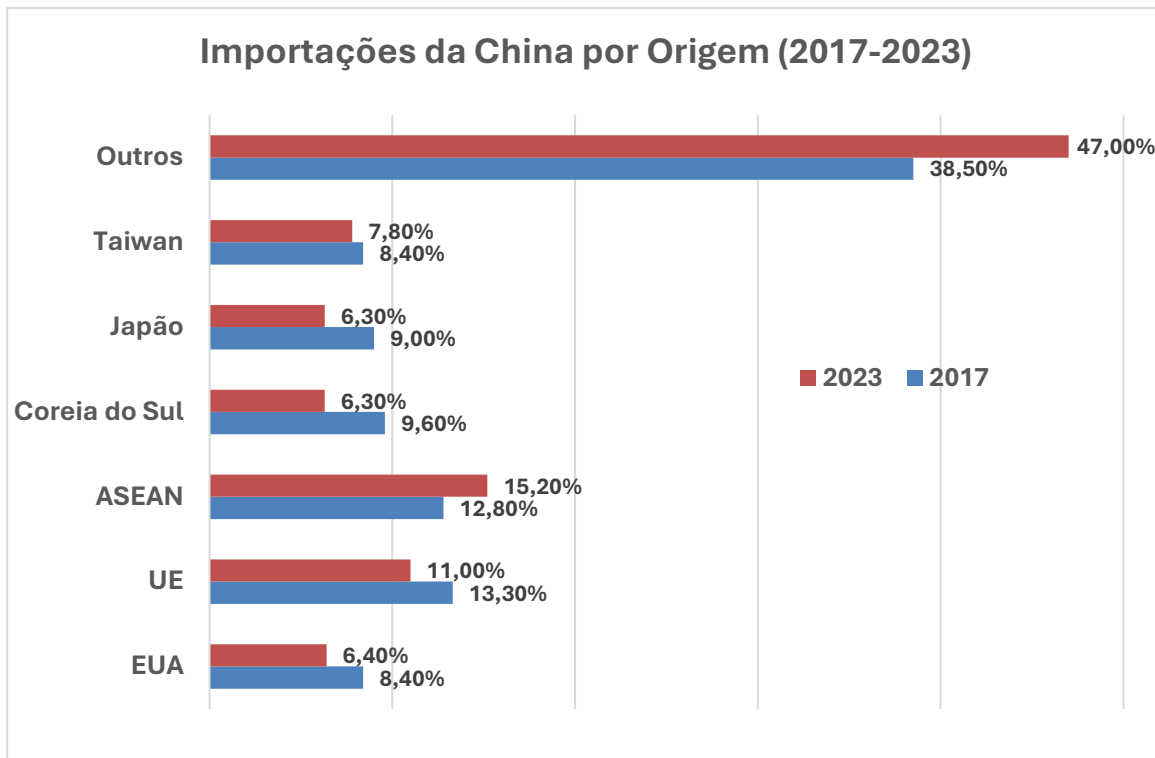
No período de 2013 a 2023, 154 países e 32 organizações internacionais tinham assinado com a China Memorandos de Entendimento na Iniciativa Faixa e Rota. Esta iniciativa que visada

inicialmente a Eurásia, mas alargou-se a partir 2018, para África e América Latina. Na UE 17 países assinaram Memorandos com a China nesta Iniciativa mas em 2024 a Itália não renovou a assinatura do Memorando Itália – China.

Os resultados desta estratégia de diversificação de parceiros comerciais e desenvolvimento de projetos de cooperação económica em novas geografias tem tido resultados positivos, como se pode ver nos quadros em baixo, a percentagem das exportações da China por destino no período de 2017 a 2023, diminuiu significativamente para os mercados americanos e da UE, no que foi acompanhada por um aumento das exportações para os países da ASEAN, que é hoje o grande comprador dos produtos *Made in China*. De registar também que Hong Kong neste período perdeu uma percentagem significativa das exportações da China, que como sabemos eram em grande parte reexportadas para outros mercados, sobretudo o americano e o dos países europeus. De referir também que neste período a percentagem de exportações chinesas para outros mercados indiferenciados cresceu de 27,60% para 35,70%.

Analisando as importações da China por origem verificamos que os países da ASEAN, são também agora, os maiores fornecedores do mercado chinês, com os EUA e os países da UE a perderem importância nas vendas a este mercado, assim como acontece com o Japão, Coreia do Sul e Taiwan. Também a quota de aquisições da China de países indiscriminados cresceu de 38,50% para 47%.





Fonte: *Statistical Communiqué of the People's Republic of China (2018-2024)*.

Outra questão importante nesta análise é saber qual é o peso dos países Faixa e Rota na política diversificação de mercados para a economia chinesa. De acordo com o relatório da Chinese Academy of International Trade and Economic Cooperation do MOFCOM (2013-2024), no período de 2013 a 2023, o comércio entre a China e os países Faixa e Rota, passou de 39,2% do total de comércio internacional da China para 46,6%, crescendo a um ritmo de 7,1% ao ano e, evoluindo de US\$1,6 para US\$2,74 trilhões.

Não devemos, no entanto, realizar esta análise com base apenas em resultados do comércio internacional da China com estes países. É relevante vermos também a cooperação em termos de investimento em projetos de desenvolvimento, no âmbito da Iniciativa Faixa e Rota.

De acordo com o referido relatório, nos primeiros dez anos da Iniciativa foram realizados 3000 projetos Faixa e Rota, que alavancaram \$US1,053 trilhão (634b em contratos de construção e 419b em investimento não financeiro), criando 420 000 novos empregos e retirando 40 milhões de pessoas da pobreza absoluta.

Também de referir que fluxos de investimento estrangeiro da China nos Países Faixa e Rota passaram de US\$19,16 bilhões em 2013 para US\$44,6 bilhões em 2023.

O total de stock de investimento nesses países até 2023 era de US\$354,5 bilhões cerca de 11,2% do total de investimento direto estrangeiro da China no exterior

Para uma melhor compreensão da importância destes projetos podemos analisar sumariamente alguns casos.

- 1- Barragem de Belo Monte no Brasil, projeto de transmissão de ultra-alta tensão UHV no Rio Xingu. O projeto é desenvolvido pela empresa chinesa China Grid em colaboração com a Companhia Brasileira de Energia.
 - O projeto de transmissão de energia, conecta a Floresta Amazônica, no norte e o Rio de Janeiro a sul, cerca de 2518 Km. Integra 81 cidades e depois de concluído, fornecerá eletricidade a 18 milhões de pessoas.
 - A primeira parte do projeto entrou em funcionamento em 2017. A segunda etapa está em bom andamento e vai ser concluída antes do planejado.

A percepção do governo brasileiro sobre este projeto é muito positiva, de acordo com as declarações do então ministro de energia e mineração do Brasil, Moreira Franco ao Diário do Povo online (20/08/2018), *"A implementação do projeto Belo Monte ajudará a aumentar o crescimento econômico do Brasil e a promover a integração de recursos. Os ricos recursos hidrelétricos na região norte podem ser transportados para o principal mercado de consumo de energia no sudeste"*.

- 2- Porto de Chancay, em Lima Peru. Desenvolvimento do corredor direto marítimo Xangai-Chancay. O custo foi US\$3,6 bilhões.

A COSCO Shipping Ports detém 60% do porto e a Vulcan do Peru 40%. Vai ser uma plataforma portuária e logística para Peru, Chile, Colômbia e Equador. Prevista construção de ferrovia transoceânica Brasil-Peru.

- 3- Central de transmissão de energia Soyo-Kapary (SK) em Angola com a participação da Power Construction Corp of China (PowerChina), é o maior projeto de transmissão de energia construído em Angola e na Região Africana, com a maior potência e a maior distância de transmissão, que iguala os standards tecnológicos e equipamentos europeus.

Também o governo de Angola se manifestou favoravelmente sobre este projeto conforme palavras de João Borges, ministro da energia e água ao Global Times (21/10/2023), *"a Faixa e Rota está bem integrada no Desenvolvimento de longo-prazo de Angola e permite-nos progressivamente melhorar a situação econômica e social em Angola, da maneira que queremos que seja"*

São apenas três exemplos, mas poderíamos referir muitos outros, como a Ponte Peljesac em Komarna, na Croácia, a Ponte Maputo-Katembe em Moçambique, o caminho-de-ferro China-Laos Luang Prabang que atravessa o Rio Mekong no Laos, um satélite de sensoriamento remoto na

Etiópia ou escolas de amizade em Port Moresby na Papua Nova Guiné. São muitos os projetos de desenvolvimento Faixa e Rota, em vários setores e em várias geografias.

Potencial dos Networks de Negócios das Diásporas Luso-Chinesas num Ecosistema Económico em Mudança

Os *networks* são relacionamentos de negócios, empresariais e pessoais, que permitem a realização de negócios baseados no conhecimento recíproco, na confiança e na conectividade, permitem que de uma forma dinâmica menos estruturada as empresas se interconectem e realizem negócios internacionais, beneficiando do conhecimento, experiência e relacionamentos de uns com os outros. Diminuem distância cultural, não necessitam de ser grandes (*parcerias de valor acrescentado*), aceleram a curva de aprendizagem e facilitam o negócio internacional.

Vários agentes individuais em Network



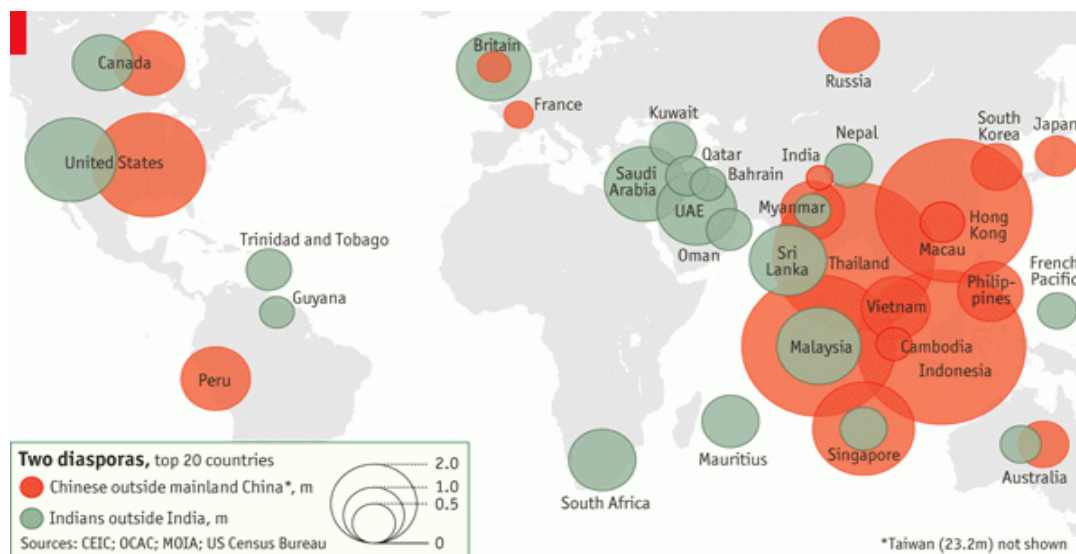
De acordo com o The Economist (2011, 19 Novembro, p.69), um tipo específico de networks, os networks da diáspora, baseados em língua e cultura comum, têm 3 virtudes lucrativas;

- 1 - Transmitem os fluxos de informação rapidamente entre fronteiras.
- 2- Criam confiança.

3- Criam conectividade que ajudam as pessoas com boas ideias a colaborar umas com as outras independentemente das fronteiras.

Quer a China quer Portugal, têm importantes networks da diáspora mais de 60 milhões de chineses ultramarinos controlam negócios no Sudeste Asiático, como imagem em baixo, mas também têm uma presença significativa nos EUA, em França na Inglaterra na Rússia e também no Canadá e no Perú. O mapa não identifica Portugal porque o número de chineses a viver em Portugal não é grande mas a presença de grandes empresas da China tem um peso importante na economia portuguesa.

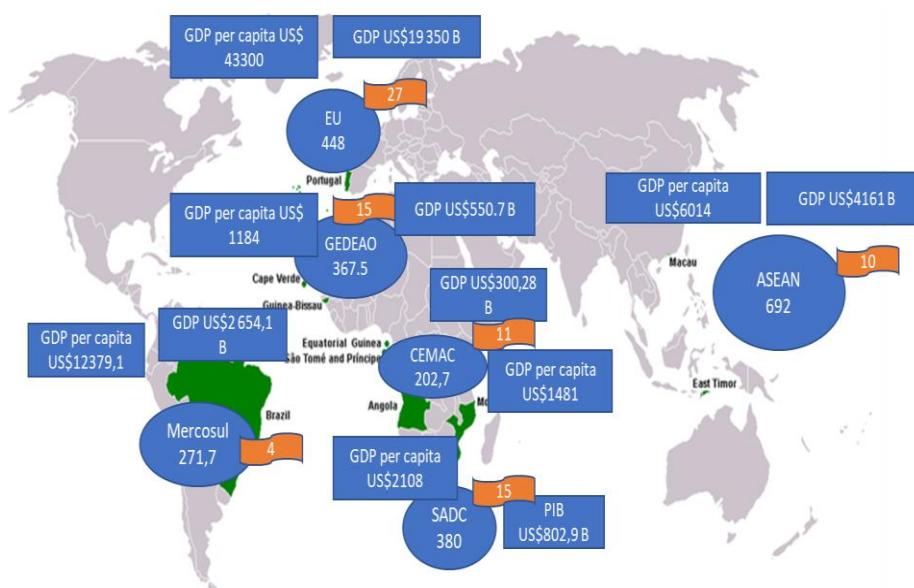
Geografia e Importância da Diáspora Chinesa



Fonte: *The Economist* (2011, November 19th, p.69).

Também a diáspora portuguesa é muito significativa, para além de 5 milhões de emigrantes espalhados pelo mundo, a dimensão dessa diáspora engloba os países de língua portuguesa. São cerca de 282 milhões de pessoas, que falam a 4ª língua do mundo, a 1ª no Atlântico Sul, detêm 13,5% da água potável do mundo, 5,9% da terra arável, 3,9% do comércio global e muitas matérias-primas e recursos energéticos. Além dessa dimensão o seu potencial de cooperação é enorme em grandes blocos de integração económica com Portugal na UE; Angola e SaoTome e Principe no CEMAC; Brasil no Mercosul; Cabo Verde, Guiné-Bissau e Guiné Equatorial no CEDEAO; Angola e Moçambique na SADC; Timor-Leste na ASEAN, conforme mapa em baixo.

Geografia e Importância da Diáspora Portuguesa



Fonte: Elaboração do autor

Com exceção do Brasil, que tem projetos Faixa e Rota mas não assinou com a China um Memorandos de Entendimento Faixa e Rota, todos os outros países de língua portuguesa, o fizeram.

De acordo com o China Global Investment Tracker 28/10/2023, os investimentos Faixa e Rota realizados pela China em países de língua portuguesa eram em 2023, 41% do total de projetos da China nesses países e 18% do seu valor o que é significativo.

Investimentos da China em Países de Língua Portuguesa em Projetos Faixa e Rota e Não-Faixas e Rota

PAÍSES	PROJETOS FAIXA e ROTA (NOV 2013 – OUT 2023)		PROJETOS NÃO-FAIXA e ROTA (2005-NOV 2013)		Total de Investimento (em Milhões de USD)
	Nº. de Projetos	Investimento (em Milhões de USD)	Nº. de Projetos	Investimento (em Milhões de USD)	
Angola	24	11 710	22	16 000	27 710
Brasil*	1	160	94	76 520	76 680
Cabo-Verde	1	130	-	-	130
Timor Leste	2	780	-	-	780
Guiné - Equatorial	5	1 350	5	1 880	3 230
Guiné-Bissau	2	450	-	-	450
Moçambique	7	3 050	9	7 360	10 410
Portugal	9	4 890	4	4 590	9 480
São Tomé	3	950	-	-	950
TOTAL	55	23 470	134	106 350	129 820
TOTAL: 129 820					

Fonte: China Global Investment Tracker (28/10/2023), Dados trabalhados pela American Enterprise Institute e The Heritage Foundation. Todos os direitos reservados.

Podemos concluir que o potencial de cooperação dos networks das diásporas Luso-Chinesas é enorme e que devem juntar forças para uma cooperação também multilateral na Iniciativa Uma Faixa Uma Rota para conseguir alavancar ainda maiores investimento e comércio, aumentando sinergias de desenvolvimento económico e social para cada um dos países.

Bibliografia

Beugelsdijk, S. and Luo, Y. (2024) “The politicized nature of international business”, *Journal of International Business Studies* 55: pp. 281-284.

Capri, A. (2023, 12th December), *China decoupling versus de-risking: What’s the difference?* Hinrich Foundation.

Chinese Academy of International Trade and Economic Cooperation, MOFCOM (2013-2024, Report China’s Trade and Investment Cooperation Under the Belt and Road Initiative.

China Global Investment Tracker (28/10/2023), Dados trabalhados pela American Enterprise Institute e The Heritage Foundation. Todos os direitos reservados.

Hung Tran, (September 2020) “*One World, Two Systems’ Takes Shape during the Pandemic*” <https://www.atlanticcouncil.org/in-depth-research-reports/issue-brief/one-world-two-systems-takes-shape-during-the-pandemic/>

Hung Tran (April 2021) “*Decoupling/Reshoring versus Dual Circulation: Competing Strategies for Security and Influence*”; Atlantic Council Geoeconomic Center https://www.atlanticcouncil.org/wp-content/uploads/2021/04/Decoupling_Reshoring_versus_Dual_Circulation.pdf.

Kearney (2024). *Made in America. Here to Stay*, [made-in-america-here-to-stay.pdf](#)

Peng Gang (2024 March 8th). “*The Essence of China – EU Trade and the Economic Relations is Mutual Benefit and Win-Win, Mission of the People’s Republic of China to the EU*”, http://eu.chinamission.gov.cn/eng/mh/202404/t20240408_11278074.htm.

Rhodium Group (2022, September 14th). *The Chosen Few: A Fresh Look at European FDI in China*, <https://rhg.com/research/the-chosen-few/>.

Rhodium Group (2024, February 29th). *Pole Position: China EV Investments Boom Amid Growing Political Backlash*, <https://rhg.com/research/pole-position-chinese-ev-investments-boom-amid-growing-political-backlash/>.

Rhodium Group and Merics Report (2024 June 6th). *Dwindling investment become more concentrated - China FDI in Europe: 2023 update*, <https://merics.org/en/report/dwindling-investments-become-more-concentrated-chinese-fdi-europe-2023-update>.

Rhodium Group (2024, June, 6th) *Chinese FDI in Europe: 2023 update* <https://rhg.com/research/chinese-fdi-in-europe-2023-update/>.

Statista (2024). <https://www.statista.com/statistics/270439/chinas-share-of-global-gross-domestic-product-gdp/>.

Statista (2024). <https://www.statista.com/statistics/270439/chinas-share-of-global-gross-domestic-product-gdp/>.

The Economist (2011, November 19th, p.69-

The Economist (2024 February 27th) <https://www.economist.com/finance-and-economics/2024/02/27/how-trump-and-biden-have-failed-to-cut-ties-with-china>.

U.S. Embassy and Consulates in China- <https://china.usembassy-china.org.cn/u-s-relations-with-china/>.

Visão e Ações na Construção Conjunta da Faixa Económica da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do Século XXI, (março de 2015, NDRC e MOFCOM), <http://2017.beltandroadforum.org/english/n100/2017/0410/c22-45.html>.

